



Vinícius De Oliveira Gadini ^{1*}

^{1*} Graduando em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Contato: Viniciusgadini@gmail.com.

MATERIALISMO

Sempre quando nasce o dia eu abro os olhos.
Sempre quando nasce o dia eu sinto o mundo.
Sempre quando nasce o dia eu renasço, como uma fênix.
Sempre quando nasce o dia eu não existo verdadeiramente, nem tu,
Nem o universo, nem as causas, nem os efeitos,
Nem o mundo ou o submundo,
Nem metafísica, ou Cristo, Krishna, ou a antropologia,
O conhecimento analítico e empírico, a discussão, a verdade
O mito, o tempo, o espaço,
Sempre quando nasce o dia, sempre quando nasce o dia.

Sempre quando nasce o dia os sonhos cessam, pois entendo
Que não há lugar para os sonhos neste mundo dos dentes e das remelas,
Num mundo congestionado de reações químicas e físicas, e sinto
Que as reações químicas e físicas
São a única força operante na minha vida
(Sinto a amargura na boca,
Sinto a inércia nos músculos,
Sinto o cansaço na mente).
E tudo aquilo que existia à noite,
no mundo dos sonhos, cessa;
Todo o resto deixa de existir e só a matéria
Bruta, fria, inorgânica da terra
Permanece.
E dessa matéria sou feito (não dos sonhos),
E dessa matéria se constitui o mundo.
Sempre quando nasce o dia ocorre uma nova cosmogonia
Em que o mal vence o bem,
A carne vence o espírito,
A morte vence a vida.

Sempre quando nasce o dia eu sinto preguiça,
Eu sinto sono, sinto remelas nos meus olhos.
Sempre quando nasce o dia eu levanto, lavo o rosto e escovo os dentes
E é só isso que há: o dia, rosto e dentes.
E me olho no espelho e enxergo uma imagem, que é um signo,
Um correspondente da realidade, mas não a real
Realidade,
E nessa imagem eu existo:
Cansado, aparvalhado, enciumado.
Ou minha imagem existe em mim:
Desprezado, rejeitado, atrapalhado.
E este sou eu, sem virtude ou valor algum
Apenas eu e meu rosto, remelas e dentes,
E é só o que importa e eu as tiro (as remelas),
E eu os escovo (os dentes).
E nada há de metafísico nisto,
E nada há de valoroso nisto,
Mas ainda faço, pois sou pó e ao pó voltarei,
Feito de carne, involucralmente carne,
Interiormente carne,

Verdadeiramente carne,
Predestinado ao destino da carne: o verme,
Que me roerá os dedos,
Que me roerá os órgãos e os ossos,
Que me roerá a face, os dentes, as remelas,
Que hoje trato tão bem.
E quando nascer este novo dia, tudo o que sou,
Que hoje trato tão bem,
Então será dele,
E eu serei dele
E seremos um, o verme e eu,
Conjurados numa forma básica de existência,
Até que o verme também padeça e outro verme
O roa e assim continue o ciclo,
O infinito ciclo,
Das manhãs e das faces, remelas e dentes,
E da própria existência.